

# “Pik” Botha vai ser ouvido pela Polícia

JORGE DICK, em Joanesburgo

O ANTIGO Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof “Pik” Botha, vai ser interrogado esta semana pela Polícia sul-africana, em conexão com a morte do primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel, ocorrida num acidente aéreo na área de Mbuluzini, na fronteira com a província do Maputo, há 17 anos. A investigação visa apurar as alegações de que o último chefe da diplomacia do regime do “apartheid” terá chegado ao local onde se despenhou o avião em que viajava o Presidente moçambicano 30 minutos após o acidente, na companhia de um médico, que supostamente aplicou uma injeção letal a Machel, que na altura ainda estaria com vida. Botha declinou fazer comentários públicos, afirmando que preferia falar à Polícia, que também pretende ouvir o referido médico.

O Comissário-Geral da Polícia da RAS, Jackie Selebi, decidiu criar uma equipa especial dentro da unidade “Scorpions” para apurar as causas que levaram ao despenhamento do avião, que vitimou outras 33 pessoas, entre funcionários do Governo e jornalistas. A acção seguiu-se a um pedido nesse sentido formulado por Graça Machel, viúva de Machel, e do seu actual marido, o ex-Presidente sul-africano Nelson Mandela.

As alegações de que Machel teria sido envenenado após a queda do avião foram avançadas

por um antigo membro do Exército Popular para a Libertação do Zimbabue (ZIPRA), que admitiu o seu envolvimento na execução, segundo a edição de domingo último do semanário sul-africano “Sunday World”, que está a seguir passo a passo o caso. O jornal não identificou o indivíduo, mas disse que ele e um tal Hans Louw integravam o temível Bureau de Cooperação Civil (CCB), organismo que se dedicava a campanhas de desestabilização e execução de activistas anti-“apartheid” em vários países da região. Louw, que se encontra a cumprir uma pena de 28 anos de prisão, foi citado pelo mesmo “Sunday World” na sua edição do passado dia 12 a confessar o seu envolvimento no plano que levou à morte do primeiro Presidente de Moçambique.

O CCB, segundo relatou o antigo membro do extinto ZIPRA, foi instruído no sentido de abater o avião que transportava a comitiva presidencial quando regressava de Lusaka, caso um outro plano, que visava fazer cair o aparelho através de uma rádio-ajuda falsa que desviaria o aparelho contra o morro de Mbuluzini não tivesse êxito. Tanto Louw como este oficial das SANDF revelaram que o médico cujo nome também não foi avançado, fazia parte do Sétimo Batalhão Médicos com sede em Pretória. Este batalhão, comandado pelo então chefe do programa

das armas químicas e biológicas do “apartheid”, Wouter Basson, vulgarmente conhecido por “Doutor da Morte”, planeou e conduziu uma série de intervenções letais contra opositores ao regime do “apartheid”.

As alegações de que a Machel terá sido aplicada uma substância venenosa foram rejeitadas por J. Nel, patologista que efectuou as autópsias do líder moçambicano. Nel afirmou, na altura, que não havia possibilidade de Machel sobreviver ao acidente. Mas, segundo informações referenciadas pelo “Sunday World” e recolhidas junto da equipa especial de investigação, Polícia militar e testemunhas oculares, Machel estava, de facto, vivo quando o avião se despenhou.

O antigo membro do ZIPRA manifestou-se disponível a apoiar a Polícia com mais informações, desde que lhe seja garantida protecção e emprego. “Estive com Louw, armado com mísseis

portáteis ‘terra-ar’, com a missão de abater o avião se fracassasse o primeiro plano, que essencialmente visava provocar a queda do aparelho”, indicou, acrescentando que “estivemos com outros poucos operativos e o nosso chefe”.

Disse ainda que as forças especiais mantinham ligação directa com o Governo. “Prestávamos as informações directa e unicamente ao Conselho de Segurança e chefe das forças especiais. Tudo o que fazíamos sobre a operação era ‘top secret’”.

Um outro antigo agente, Rich Mudingi, que era membro do grupo militar “Selous Scouts”, da então Rodésia, hoje Zimbabue, sabia do envolvimento de Louw e deste oficial das SANDF na morte de Machel.

A par das investigações são referidos seis antigos membros da Renamo e mercenários dos “Selous Scouts” e do ZIPRA, acusados das mortes de Machel e de cinco jovens sul-africanos num ataque à granada na área de Phalaborwa, em 1986. Os seis compareceram terça-feira última em tribunal e o caso foi adiado para princípios de Março próximo.

Sam Mkhwanazi, porta-voz do Ministério sul-africano da Defesa, disse que não podia fazer qualquer comentário à volta das informações, uma vez que envolvem as antigas Forças de Defesa do Estado do “apartheid”.